



Ciência e jornalismo: o sentido do discurso jornalístico-científico em reportagem da revista *Época*¹

Liliane CALADO²

Olga TAVARES³

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, PB

RESUMO

Neste artigo, propõe-se um olhar semiótico sobre reportagem da revista *Época*. Busca-se, sob a perspectiva da semiótica greimasiana, a compreensão da construção do sentido do conjunto sincrético – texto e imagem fotográfica – da reportagem, a partir do discurso jornalístico científico produzido pela revista, de modo a mostrar como esse discurso foi estruturado e quais as estratégias persuasivas utilizadas pelo enunciador, através de uma visão objetiva e inteligível.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo científico; ciência; semiótica; revista *ÉPOCA*

1. Introdução

A mídia a todo o momento constrói discursos e estratégias persuasivas. Não podemos negar que ela é cada vez mais onipresente na vida humana. Por isso, análises que contemplam a mídia são importantes para a compreensão das articulações da própria vida social.

Neste artigo, a partir da Semiótica da Escola de Paris, trabalhamos na perspectiva de produção do jornalismo científico de um meio impresso, buscando apreender a construção de reportagens que tem como enfoque a ciência, tecnologia e meio ambiente. Trabalhamos a compreensão de jornalismo científico a partir de Bueno (2010), que afirma: “O jornalismo científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa de acordo com os critérios e o sistema de produção jornalístico”.

Na análise, enfocamos o estudo do texto e da imagem fotográfica de uma reportagem divulgada na seção *Ciência & Tecnologia*, da revista semanal informativa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, email: lilianejornalista@yahoo.com.br

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, email: olgatavares@cchla.ufpb.br



Época⁴. A reportagem escolhida foi “O libertador dos animais⁵”, edição 668, de 25 de abril de 2011, que aborda a atuação do fundador e diretor da Ong SOS Fauna, Marcelo Pavlenco Rocha, acerca da libertação e readaptação de animais.

Buscamos entender como o texto e imagem da reportagem (enunciados) são construídos, como os acontecimentos (fazer-saber) produzem efeitos de sentido (fazer-creer).

Do ponto de vista semiótico, a revista ÉPOCA possibilita que se elabore uma investigação do seu percurso narrativo-discursivo referente às matérias de cunho científico. A revista é um produto semiótico e como tal é lugar do processamento da significação e de comunicação.

(...) o real constituído por uma materialidade linguística, quando se trata de notícia, em sua particularidade enquanto texto jornalístico, deve ser entendido como construção de sentidos. (BRITO SILVA, 2006, p.4).

2. Semiótica greimasiana

A semiótica greimasiana foi estabelecida por Algirdas J. Greimas. O estudioso iniciou a expansão da ideia de uma semiótica voltada para o estudo do sentido das significações do texto, defendendo que os sentidos do texto são construídos a partir da análise de um plano de conteúdo e de expressão⁶. O primeiro refere-se ao significado do texto, a tudo aquilo a que ele nos remete e o plano de expressão à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético (que mistura várias linguagens).

Para encontrar o sentido proveniente de um texto, Greimas criou um percurso gerativo de sentido, que determina a produção dos significados em patamares, num processo de descrição que vai do abstrato ao concreto, estabelecendo relações entre cada uma das partes.

⁴ A seção “Ciência & Tecnologia” apresenta matérias relacionadas à divulgação da ciência e tecnologia e também do meio ambiente. Em cada edição, encontramos reportagens, entrevistas e notícias sobre pesquisas científicas, novas e polêmicas descobertas realizadas no mundo e no Brasil.

⁵ Ver o texto da reportagem no anexo.

⁶ São exemplos de análises do plano de expressão o tipo de letra, sinais de pontuação, escolha lexical e a integração de elementos verbais com visuais.



O percurso gerativo de sentido está dividido em três níveis elementares nomeados como: fundamental, narrativo e o nível das estruturas discursivas. No primeiro se estabelece uma rede de oposição e contraste, a significação é estruturada a partir dessa relação. De acordo com Ludovice e Batista (2009, p.13), “é neste nível que se determina o mínimo de sentido a partir do qual o discurso se constrói”.

No nível narrativo, a análise demonstra as ações e transformações da narrativa por meio de um sujeito que busca um objeto-valor. A análise descreve a estrutura da história narrada, determina seus participantes e o papel que representam na história. Nesse patamar, os elementos das oposições (nível fundamental) são assumidos como valores por um sujeito, graças à ação também de sujeitos.

No nível discursivo, descobre-se o sentido do discurso do texto. Neste patamar, as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas. “O sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso”. (BARROS, 1990, p. 53).

É necessário elucidar que a semiótica greimasiana pode ser utilizada como percurso teórico-metodológico de análise de qualquer texto, como o de uma canção, de uma publicidade ou até mesmo fragmentos de espetáculos de dança.

3. O sentido da notícia científica

A preservação e proteção da fauna e flora é um assunto que faz parte das discussões da área de Meio Ambiente. Todos os dias, pesquisas afirmam a necessidade de proteção de florestas nativas, de animais que estão em extinção, da água que a cada dia está mais poluída etc.. Nessa perspectiva, a mídia reflete essas discussões através do jornalismo.

Na reportagem “O libertador dos animais” é apresentado o trabalho de Marcelo Pavlenco Rocha, fundador e diretor da organização SOS Fauna - “uma das principais entidades de resgate e recuperação de animais do país”.

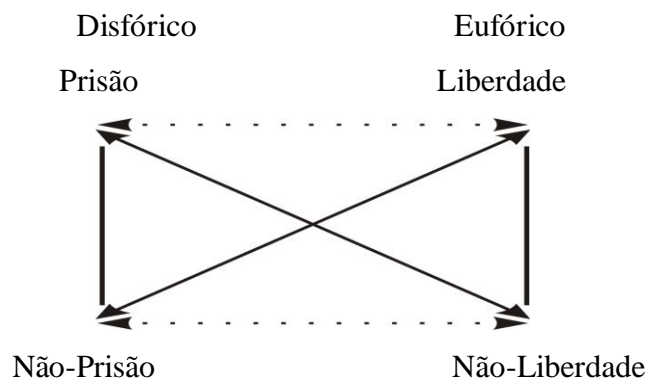
No texto, Marcelo é apresentado como personagem-herói. Toda a reportagem é construída a partir da idealização de que ele é um “herói salvador de animais”. De início o produtor do texto (enunciador) compara o dia a dia de Marcelo a “um seriado policial de TV”; contudo, com uma grande diferença: “ele não liberta pessoas sequestradas, mas animais silvestres”.

Observa-se que no nível fundamental do percurso gerativo se instala a oposição semântica prisão *vs.* liberdade. A categoria prisão é representada principalmente pelas expressões “cativeiros ilegais”, “resgate”, “recuperação”, já a categoria liberdade é percebida em trechos como: “ele salva bichos em situações de degradação” – destaca-se o termo “salvar” que adquire valor de liberdade; “após o resgate, começa o trabalho de levar os bichos de volta à natureza” (à liberdade) e “ele não liberta pessoas sequestradas, mas animais silvestres”.

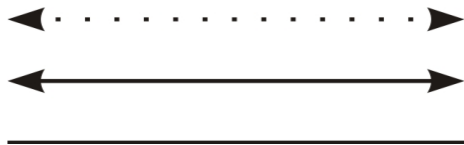
Ainda no nível fundamental, Barros (1988) afirma que as categorias semânticas de oposição são projetadas em um quadrado semiótico que articula uma relação de euforia e disforia.

Eufórica é a relação de conformidade do ser vivo com o meio ambiente, e disfórica, sua não conformidade. Os termos da categoria semântica assim investidos são ditos valores axiológicos, e não apenas valores descritivos, e surgem, em relação à semântica narrativa, como valores virtuais, ou seja, não relacionados ainda a um sujeito. (BARROS, 1988, p. 24).

De acordo com essa perspectiva, se elucida no texto a categoria liberdade é eufórica (positiva) e a categoria prisão é disfórica (negativa). A narrativa é articulada nessa direção. A estrutura do quadrado semiótico, portanto, para a matéria da revista Época, “O libertador de animais” é esta:



- a. Relação entre contrários
- b. Relação entre contraditórios
- c. Relação entre complementares



No nível narrativo, se apresenta mais detalhadamente o papel heróico de Marcelo, que tem como objeto-valor, a liberdade dos animais. Para isso, ele realiza várias ações narradas no decorrer do texto: “participa de investigações”, “usa disfarces, como de pastor evangélico ou vendedor de ração (...)”, “descobre onde os criminosos guardam suas mercadorias” (animais) etc. O conjunto dessas ações leva Marcelo a libertar os animais e também a “desfazer redes de tráfico que ameaçam a diversidade nas matas e podem levar espécies à extinção”.

Na narrativa, há uma transformação do estado “prisão” para o estado “liberdade”. Assim, Marcelo realiza uma performance com vistas à apropriação do valor desejado.

A performance é a fase em que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa. Libertar a princesa presa pelo dragão é a performance de muitos contos de fada. Encontrar o pote de ouro no fim do arco-íris, ou seja, passar de um estado de disjunção com a riqueza para um estado de conjunção com ela pode ser performance. (FIORIN, 1992, p. 23).

Neste contexto, o sujeito-herói alcança uma performance positiva, ressaltada na citação de que os viveiros da Ong abrigam mais de 400 pássaros – ou seja, eles foram libertados do tráfico, estão salvos, livres.

Nessa diretiva, o enunciador constrói estratégias persuasivas que enaltecem o “valor” do trabalho do herói/libertador, descrevendo, por exemplo, os maus-tratos sofridos pelos animais e enfatizando as dificuldades de sobrevivência dos animais após o resgate: “A maioria dos animais não sobrevive ao frio, ao transporte e principalmente ao estresse da movimentação das pessoas, das luzes e barulho”. Tudo isso cria um efeito de sentido positivo e favorável ao trabalho de Marcelo.

Dando prosseguimento à análise, observa-se que o texto está estruturado a partir de um programa narrativo que se organiza em dois percursos: 1 – salvamento dos animais e 2 – readaptação dos animais à natureza. No primeiro percurso é delineada a libertação dos animais (parágrafos iniciais) e, no segundo, a sobrevivência e



readaptação deles à natureza (parágrafos finais). O processo de readaptação é construído a partir da ilustração de casos de sucesso, como se verifica no trecho:

Há dois anos, a SOS Fauna recebeu um grupo de 40 papagaios que vieram de residências. Cada um gritava uma coisa, diz Rocha. ‘Um procurava o ‘tio’, outro xingava e um terceiro até cantava o hino do Corinthians. Hoje, as aves estão com menos traços humanos. Recuperaram sua vocalização selvagem, aprenderam a voar (...).

A exemplificação provoca um efeito de sentido que proporciona uma argumentação partidária ao trabalho de Marcelo e corrobora para a estratégia persuasiva de que ele conseguiu realmente “salvar” as aves. Ainda nessa perspectiva merece destaque a descrição de outro exemplo: “Um tucano levou sete meses para deixar o semicativeiro, estágio em que o bicho fica solto, mas ainda dispõe de comida oferecida pelo homem. Finalmente, encontrou um par e levantou voo”. A expressão “levantou voo” figurativiza o sucesso da iniciativa/trabalho do “herói” Marcelo. Voar é sinal de liberdade!

No último nível, o discurso “afloresce”. Em “O libertador dos animais” nota-se a utilização de figuras que contribuem para a construção do herói Marcelo, por meio da conquista da liberdade dos pássaros. Um desses recursos de figurativização da liberdade são as figuras dos papagaios e do tucano (libertos e readaptados).

A história do sujeito-herói serve de trampolim para a formação de algumas linhas temáticas que se inserem na área do meio ambiente, como a preservação da fauna e flora brasileira, as redes de tráfico de animais, a necessidade de readaptação de animais resgatados, políticas públicas de incentivo a preservação do meio ambiente e outras.

Na análise textual, percebe-se que o sentido do texto demonstra que o enunciador construiu um discurso jornalístico científico de afirmação do personagem-herói Marcelo Rocha – o sujeito alcança seu objeto e prova, como aponta o título, ser um libertador dos animais, devolvendo-os ao ato supremo de liberdade, figurativizado na ação de voar.

3.1 O sentido da imagem

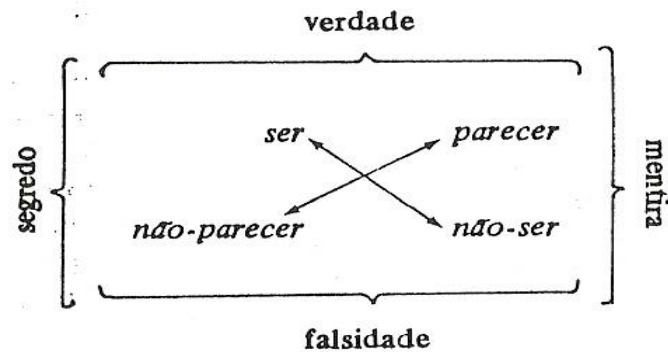
“Em todos os exemplos, a realidade nos aparece como resultado evidente de uma dupla leitura – iconizante e plástica – plasmada na superfície da fotografia”. (GREIMAS, 1987).

De acordo com Susan Sontag (1981, p. 5), a “fotografia fornece provas”, pois “determinada coisa de que ouvimos falar, mas que nos suscita dúvidas, parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia”. Segundo Dondis (1991, p. 216), a “fotografia tem uma característica que não compartilha com nenhuma outra arte visual – a credibilidade”. E para Barthes (1984, p. 129), ela é um “certificado de presença”.

A semiótica visual distingue a fotografia como um sistema de significações, ou seja, que ela pode dizer algo, que há a linguagem da imagem, mesmo levando em conta a co-presença dos códigos icônico e analógico (além da verbalização implícita-explicita), como destacam Lindekens (1976), Floch (1983) e GROUPE μ (1992).

A fotografia da matéria “O libertador de animais” é analisada como objeto de sentido, no qual os seus esquemas de relações, as suas formas significantes vão buscar a ‘lógica do sensível’ (FLOCH, 1985), de modo a perceber suas condições de produção de sentido. Segundo Floch (1985, p. 115), o que importa mesmo é como a fotografia representa um tipo de discurso particular sob visão semiótica de uma teoria geral do discurso e como ela se constrói (em seleção e hierarquia), como é feita – e onde se apoia – a sua leitura figurativa.

A semiótica aplicada à fotografia distingue fundamentos para a análise de imagens, chamados de semi-simbólicos (FLOCH, 1985). As relações semi-simbólicas se manifestam entre categorias perceptíveis aos sentidos (dadas pelo plano de expressão) e categorias do significado (dadas pelo plano de conteúdo). Para que elas se realizem, é preciso haver um contrato de veridicção, entre o enunciatário e a imagem, ou seja, deve-se estabelecer entre as duas partes uma relação de fazer-criar, de modo a colocar como ‘realidade’ o discurso apresentado. A veridicção se baseia na oposição entre o parecer e o ser. Greimas e Courtés (1988, p. 487) apresentam a categoria modal da veridicção “(...) pela colocação em relação de dois esquemas: o esquema parecer/não-parecer é chamado de manifestação, o do ser/não-ser, de imanência”. Entre essas duas dimensões da existência atua o jogo da verdade, que é estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser projetado no quadrado semiótico:



A imagem fotográfica é carregada de estratégias enunciativas – que são o contrato de veridicção. A fotografia deve ter a intenção de fazer-criar, de instituir uma ‘verdade’.

Na fotografia analisada, há um sujeito (Marcelo Rocha) em conjunção com o objeto-valor (aves voando/liberdade), de modo a mostrar alguém que luta pela preservação ambiental. Esses elementos apresentam uma verdade discursiva, um parecer-verdadeiro, que, também, faz parte do discurso científico, haja vista este utilizar-se do contrato de veridicção para fazer-criar o fato científico, qualquer que seja ele.

Floch (1985) propõe a existência de categorias do plano da expressão – as categorias eidéticas, cromáticas e topológicas (referentes respectivamente à forma, às cores e à organização espacial), as quais são comparáveis às categorias do plano do conteúdo (tais como prisão vs. liberdade). Ou seja, “categorias homólogas nos dois planos da linguagem” (RIBEIRO, 2006, p.4).

A proposta semi-simbólica de Floch (1985) é utilizada com eficácia em textos sincréticos como a fotografia analisada. Na imagem apresentada, vê-se que o conteúdo da matéria jornalística está figurativizado, permitindo, então, que a pluralidade visual mostre as informações temáticas sugeridas do programa narrativo, cuja situação semiótica permite que a fotografia estabeleça uma dialogia com o texto verbal, de modo a complementar os efeitos de sentido que aí são construídos. Portanto, a categoria semântica fundamental prisão vs. liberdade vai nortear também a análise da imagem.

Do que fala, então, esta fotografia? Em seu enunciado, narra-se a história de um homem em pé, o personagem-herói, verticalizado, no centro da imagem fotográfica, com o rosto voltado para um outro lugar, com um olhar visando um futuro, uma esperança (talvez) para aquelas aves, com roupas nas cores da natureza que ele defende, com a predominância da cor verde em toda a imagem (da natureza que ele preserva). As

aves, apesar de estarem em primeiro plano, tem a imagem desfocada, de modo a sobressair seu benfeitor, que as possibilitou voar ali livremente, até que sejam devolvidas à natureza.

A imagem das aves também parece figurativizar uma rede em volta do personagem-herói, que remete à prisão que aquelas aves viveram. O fundo é composto de claro e escuro – muro *vs.* uma casa -, sem acentuar este contraste, pois acaba por realçar a imagem de Marcelo Rocha, diante daquele balé das aves. Essas também escondem os pés do personagem-herói, que parece, assim, estar numa posição mais ascética. À esquerda da imagem, tem um tronco de uma possível árvore, que não aparece integralmente, mas que projeta sua sombra no muro. E, na parte inferior da fotografia, tem-se uma grama, um chão quase verde também, que complementa a primazia do verde no conjunto cromático. A categoria fundamental no plano de expressão é a da visível *vs.* desfocado; verticalidade *vs.* horizontalidade; e, no plano de conteúdo, prisão *vs.* liberdade, que se confirma na indicação da legenda: “EDUCADOR - Marcelo Rocha dentro de um viveiro com aves resgatadas. Os animais precisam reaprender os hábitos naturais”. O visual e o verbal, então, complementam-se.

A figuratividade que aqui se realiza define o sujeito-herói, Marcelo Rocha, em relação ao seu objeto-valor. A aquisição de sua competência para realizar uma performance bem-sucedida é apresentada também na fotografia, quando as aves em vôo livre figurativizam o poder-voar que a elas foi conferido pelo seu benfeitor/doador, tanto quanto a imagem ascética do personagem-herói identifica o poder-fazer e o saber-fazer que permitiram a ação, ou seja, a figura do protagonista exibe uma sanção positiva: está enlevada, tem a fisionomia tranquila, olha para uma perspectiva futura.

Os elementos da fotografia, então, adquirem sentido exatamente por meio das relações que eles estabelecem entre si. A fotografia, como objeto de sentido, organiza-se para significar, ou melhor, como faz o percurso da sua significação. Na fotografia analisada, tem-se o discurso de preservação da natureza, haja vista constituir-se crime inafiançável, no Brasil, para quem comete esse tipo de delito, o de aprisionar aves (ou quaisquer animais).

A proposta semi-simbólica aqui encontrada determina: a) categoria eidética – tem-se Marcelo Rocha atrás *vs.* na frente, as aves, mas desfocadas; também no tocante à centralização do sujeito Marcelo Rocha, circundado pelas aves: reto *vs.* curvilíneo ; b) categoria cromática – há uma primazia do verde, considerado cor fria, mas de caráter



estimulante, calmante e que dá sensação de repouso, de esperança⁷, que revigora, tanto quanto simboliza o meio ambiente, como aqui, onde identifica efetivamente a cor da natureza, das próprias aves, do ambiente da qual elas fazem parte; a foto também apresenta uma impureza cromático/visual na luminosidade, que é o desfocamento/embaçamento das aves em primeiro plano, o que realça a imagem do personagem-herói, o que, certamente, foi proposital exatamente para ‘iluminar’ o protagonista da narrativa; c) categoria topológica – há uma arrumação espacial de verticalidade vs. horizontalidade, que definem os papéis do homem (vertical)-salvador e das aves (horizontais) que devem voar/ser livres.

Desse modo, é possível determinar a rede de relações entre as categorias plásticas da expressão e os contrastes definidos por elas que, por sua vez, organizam a plasticidade que manifesta as figuras de conteúdo. (PIETROFORTE, 2007, p. 29).

A imagem fotográfica “condensa em si uma narrativa e faz pressupor o ato transformador” (LIMA, 2009, p. 4); assim, o diálogo do texto não-verbal com o texto verbal se realiza sob as mesmas premissas de uma organização narrativa coerente e afim.

O sentido da imagem fotográfica comporta, portanto, um plano de expressão e um plano de conteúdo, significante e significado, que se inter-relacionam na produção da significação, convocando uma postura de decifração. Mesmo a foto de imprensa, em sua presumida função de elemento documental, denotativo, assume configurações fortemente conotadas. (LIMA, 2009, p.12)

Esse diálogo, então, é reiterado no conteúdo semântico do título da matéria “O libertador dos animais”, que enfatiza o papel do personagem-herói na luta pela preservação da fauna brasileira.

Considerações finais

Por meio da semiótica greimasiana, visualizamos o sentido do conjunto sincrético texto-imagem proposto pelo enunciador da reportagem “O libertador dos

⁷ Ver: O estudo das cores. Disponível em <<http://simbolize.blogspot.com/2009/04/estudo-das-cores.html>>, 2009 e O significado das cores. Disponível em <http://olhandoacor.web.simplesnet.pt/significado_das_cores.htm>, 2006.



animais”. O discurso jornalístico científico mostrou a solidificação da representação de um personagem salvador, refletido como um aliado dos animais e conseqüentemente do meio ambiente.

O percurso gerativo de sentido feito em nível verbal – em diálogo com o não-verbal - possibilitou compreender o modo como as distintas linguagens estão em relação.

Os textos sincréticos são percebidos como um todo e não se separam as linguagens constituidoras para a análise. O sentido é construído pela combinação das diferentes linguagens imbricadas no mesmo suporte. A análise focaliza a combinatória dos diferentes tipos de linguagens que estruturam o modo de produção de sentido. Essas articulações entre sistemas semióticos são responsáveis pela constituição do percurso gerativo de sentido produzido nos textos, procurando identificar o que se articula, o que faz com que os sistemas estejam juntos, em relação. (PILLAR, 2006, p.8)

Verbal e não-verbal “sincretizam” o discurso midiático. A estratégia sincrética foi a /salvação da natureza/, que se desenvolveu no percurso narrativo da reportagem da revista *Época*.

A análise semiótica mostrou que as ferramentas do semi-simbolismo adotadas para analisar a fotografia da matéria jornalística ratificam a análise do texto verbal, cujo percurso gerativo de sentido converge para produção de sentido do texto visual.

Como os textos devem ter a intenção de fazer-crer, de instituir uma ‘verdade’, como já foi dito, nesta análise, há um sujeito (Marcelo Rocha) em conjunção com o objeto-valor (aves voando), de modo a mostrar alguém que luta pela preservação da natureza, utilizando-se de uma competência científica que o sanciona positivamente para ter uma performance bem-sucedida. Esses elementos apresentam uma verdade discursiva, um parecer-verdadeiro, que, também, faz parte do discurso científico, haja vista este utilizar-se do contrato de veridicção para fazer-crer o fato científico, qualquer que seja ele.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Editora Atual, 1988.

_____. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.



BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRITO SILVA, Maria Auxiliadora. **O jornal impresso: objeto de significação e comunicação**. Disponível em <<http://www.unaerp.br/comunicacao/inrevista/edicoes/edicao02/dora.pdf>>, 2006. Acesso em: 15 de dez. 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **O que é Jornalismo científico**. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>>. Acesso em: 15 de dez. 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1992.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit**. Paris-Amsterdan: Éd. Hadés-Benjamin, 1985.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido** – ensaios semióticos. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. **Les formes de l'empreinte**. Périgueux: Fanlac, 1986.

GREIMAS, A.J. **De l'imperfection**. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

GROUPE μ . **Traité du signe visuel**. Paris: Seuil, 1992.

LIMA, Eliane Soares. **O discurso de uma fotografia de imprensa: uma abordagem semiótica**. In: GARCIA, B.R.V.; CUNHA, C.L.; PIRIS, E.L.; FERRAZ, F.S.M.; GONÇALVES SEGUNDO, P.R. (Orgs.). **Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP**. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. Disponível em: <<http://www.epedusp.org>>. Acesso em outubro de 2010.

LINDEKENS, René. **Essai de sémiotique visuelle**. Paris: Éditions Klincksieck, 1976.

OLHANDO A COR. **O significado das cores**. Disponível em <http://olhandoacor.web.simplesnet.pt/significado_das_cores.htm>, 2006. Acesso em maio de 2010.

LUDOVICE, Camila; BATISTA, Juliana. **Circuito fechado: um olhar semiótico**. Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras, Franca/SP. V.5 n. 5 p.43-58. Jan-dez 2009.



PIETROFORTE, Antonio V. **Análise do texto visual**. São Paulo: Contexto, 2007.

PILLAR, Analice Dutra. **A interação de linguagens no desenho animado Bob Esponja**. 2006. Disponível em < www.gearte.ufrgs.br/pesquisas/pesquisa_analice01.pdf>. Acesso em jun. de 2010.

RIBEIRO, Camila dos Santos. **Os limites do semi-simbolismo na arte abstrata**. Estudos Semióticos, n.2, 2006. Disponível em <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> . Acesso em outubro de 2009.

SIMBOLIZE. **O estudo das cores**. Disponível em <<http://simbolize.blogspot.com/2009/04/estudo-das-cores.html>>, 2009.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. Rio de Janeiro:Arbor, '981.



Anexo

Revista ÉPOCA - edição 668, 25 de abril de 2011.

O libertador dos animais

Resgatar bichos de cativeiros ilegais é só o começo do trabalho de Marcelo Rocha. A tarefa mais difícil é devolvê-los à vida selvagem



EDUCADOR

Marcelo Rocha dentro de um viveiro com aves resgatadas. Os animais precisam reaprender os hábitos naturais

O dia a dia de Marcelo Pavlenko Rocha daria um seriado policial de TV. Ele participa de investigações de comércio irregular junto com a polícia e atua nas batidas aos centros de tráfico. Usa disfarces, como de pastor evangélico ou vendedor de ração, para descobrir cativeiros ilegais. Descobre onde os criminosos guardam suas mercadorias. Apenas um detalhe foge do enredo dos programas policiaiscos. Ele não liberta pessoas sequestradas, mas animais silvestres. Rocha é fundador e diretor da organização SOS Fauna, uma das principais entidades de resgate e recuperação de animais no país. Sediada em Jquitiba, na região da Grande São Paulo, atua principalmente no Estado, mas participa de operações em outras regiões.

O trabalho de Rocha tem um valor ético. Ele salva bichos em situações de degradação, como gaiolas superlotadas, porta-malas de carros, caçambas de caminhões e jaulas apertadas em feiras. Além disso, ajuda a desfazer redes de tráfico que ameaçam a diversidade nas matas e podem levar espécies à extinção. Mas a apreensão é apenas a face mais visível de seu cotidiano. Após o resgate, começa o trabalho de levar os bichos de volta à natureza.



Rocha aprendeu a amar os animais na infância. Seu pai era gerente de uma fazenda em Goiás. Tinha ordens de atirar para matar as onças que atacassem o gado. Mas desobedecia. “Quando encontrava um bezerro morto, ele o escondia, para não perseguirem a onça”, diz Rocha. Formado em eletrônica, começou em 1989 a acompanhar as denúncias de tráfico de animais. Tentou entrar em grandes ONGs. Acabou criando a sua. Hoje, os viveiros da SOS Fauna abrigam 400 pássaros.

A trajetória dos animais resgatados até a liberdade é complicada. “O primeiro desafio, ironicamente, é sobreviver ao resgate. É quando a polícia retira os animais de depósitos clandestinos, gaiolas empilhadas em feiras ou da caçamba de caminhões parados nas estradas.” A maioria dos animais não sobrevive ao frio, ao transporte e principalmente ao estresse da movimentação das pessoas, das luzes e do barulho.

Quando o animal sobrevive, começa outro desafio: descobrir exatamente de onde ele veio, para estudar se é viável devolvê-lo à natureza. Então começa o processo de prepará-lo. Primeiro, é preciso garantir que o animal não tenha nenhuma doença contraída entre os humanos. Em seguida, os veterinários têm de reeducar os bichos. Há dois anos, a SOS Fauna recebeu um grupo de 40 papagaios que vieram de residências. “Cada um gritava uma coisa”, diz Rocha. “Um procurava o ‘tio’, o outro xingava e um terceiro até cantava o hino do Corinthians.” Hoje, as aves estão com menos traços humanos. Recuperaram sua vocalização selvagem, aprenderam a voar e estão quase aptas para deixar o cativeiro. Esse aprendizado pode demorar. Um tucano levou sete meses para deixar o semicativeiro, estágio em que o bicho fica solto, mas ainda dispõe de comida oferecida pelo homem. “Finalmente, encontrou um par e levantou voo.”

O esforço pode não ser viável para todos. Só em 2009 o Ibama (órgão ambiental federal) resgatou mais de 18 mil animais no país. “É muito oneroso fazer uma reintrodução”, afirmou o Ibama. “Isso exige que cada animal faça vários exames laboratoriais e um acompanhamento na natureza, com caros equipamentos de monitoramento.” O órgão recomenda a doação dos bichos para criadouros particulares legais ou zoológicos. Alguns são ainda mais radicais. A Sociedade Brasileira de Ornitologia aconselha a eutanásia nos casos em que a espécie não corre o risco de extinção e tem excedente em cativeiro.

Não são só os bichos traficados que precisam de ajuda. Alguns animais silvestres acabam reféns da expansão das cidades. A ONG Mata Ciliar, de Jundiaí, em São Paulo, recebe em média 45 animais por semana. Um, recente, foi uma onça atropelada. Durante o período na ONG, só uma pessoa cuidava dela – e evitava ser vista, para não criar intimidade. Os esforços foram recompensados. Transferida para uma jaula na floresta, a onça demonstra ter mantido seus instintos. Já caçou e perdeu os quilos extras do cativeiro. O próximo passo é a liberdade. Em troca, ela vai prestar um servicinho aos pesquisadores da Mata Ciliar. Levará um transmissor de rádio atado ao pescoço para ajudá-los a entender os hábitos dos felinos e facilitar a adaptação dos próximos resgatados.